

Engenheiros Técnicos

“Engenheiro técnico e engenheiro são duas profissões diferentes”

A Associação Nacional de Engenheiros Técnicos, representada pelo seu presidente, Augusto Ferreira Guedes, decidiu clarificar as razões da sua existência, enquanto associação pública de regulação da profissão dos engenheiros técnicos. Para esta instituição, os engenheiros técnicos têm “acessos diferentes aos actos que podem praticar”, face aos membros da Ordem dos Engenheiros, o que justifica a separação das associações

Pedro Cristino

pcristino@construir.workmedia.pt

“Engenheiro técnico e engenheiro são duas profissões diferentes?”, começa por questionar Augusto Ferreira Guedes, no seu comunicado de imprensa enviado ao Construir. Segundo o mesmo, a resposta para esta pergunta é afirmativa e “embora ambos os profissionais desempenhem funções na mesma área de actividade, têm acessos diferentes aos actos que podem praticar”. Assim, para o presidente da Associação Nacional de Engenheiros Técnicos (ANET), futura Ordem dos Engenheiros Técnicos, a criação da ANET implicou a necessidade de clarificar o porquê de uma nova associação pública, na área de engenharia, “com poderes delegados pelo Estado para regular a profissão de engenheiro técnico”. “A criação da ANET resultou do facto dos profissionais de engenharia, detentores do grau académico de primeiro ciclo do ensino superior, na altura designado por bacharelato, terem a sua actividade regulada por entidades (sindicatos, associações profissionais de direito privado) que não possuíam delegação de competências do Estado para este efeito e porque aquelas que podiam utilizar os seus poderes delegados, sempre olharam com sobranceria para estes profissionais, querendo, a “todo o custo”, retirar-lhes a sua autonomia porque, e apenas porque, tinham um percurso formativo que seguia um padrão diferente daquele que era o percurso dos seus membros”, acusa Augusto Ferreira Guedes, ressaltando a existência de evidência “de



Augusto Ferreira Guedes, presidente da Associação Nacional de Engenheiros Técnicos

D.R.

formações semelhantes noutros países, designadamente nos países nórdicos” e mesmo de os portugueses “reconhecem e realizem um investimento importante na formação destes profissionais de engenharia” e nas instituições que os formam.

A existência das duas associações

De acordo com o presidente da ANET, a posição “da outra associação pública da área de engenharia não foi alterada até hoje”, e o mesmo menciona, como exemplo, “as recentes declarações de alguns altos responsáveis pela regulação da profissão de engenheiro que continuam a afirmar

2.000

Existem mais de 2 mil diplomados com o primeiro ciclo do curso de engenharia

que todos os actos de engenharia só são passíveis de serem realizados, de forma autónoma, por detentores de um diploma de um curso do ensino superior em engenharia com, pelo menos 300 ECTS, a que corresponde o título académico de mestre”. Por outro lado, Ferreira Guedes refere também

que noutros países da Europa e noutras áreas profissionais, existem “duas profissões autónomas que, com maior ou menor diferença na sua formação de base, competem por actos similares”. No caso da engenharia, “a própria Fédération Européen des Associations National d’Ingénieurs (FEANI) aceita as duas formações”, uma situação que, considera este responsável, “é perfeitamente normal e, se cada um assumir o papel que lhe foi atribuído pelo Estado de uma forma completa e empenhada, permite propiciar uma concorrência salutar entre as diferentes profissões, nos actos que são comuns, reservando os outros actos para os profissionais que me-

Engenheiros Técnicos

“Noutros países da Europa e noutras áreas profissionais, existem duas profissões autónomas que, com maior ou menor diferença na sua formação de base, competem por actos similares”

lhor estejam capacitados para os realizar”.

A necessidade da criação da profissão de engenheiro técnico

O presidente da ANET justifica “a necessidade objectiva de criar e autonomizar, dentro da área de engenharia, a profissão de engenheiro técnico” com razões que se prendem com “a arrogância, a visão estreita e corporativa, a “soberba de casta”, ou com o facto de ser “prática comum noutros países”. “Se olharmos para esta questão de uma outra perspectiva, constatamos, curiosamente, que as vozes que hoje contestam a existência da profissão autónoma de engenheiro técnico são as mesmas que se sentam com a ANET no Comité Nacional da FEANI, que a nível europeu representa todos os profissionais de engenharia portugueses, e que propôs, por unanimidade, o reconhecimento a nível europeu dos cursos de primeiro ciclo de engenharia registados na ANET”. Segundo Ferreira Guedes, são também estas as vozes que, “em conjunto com a ANET estabelecem acordos para o desempenho dos actos que cada um dos profissionais pode realizar”.

Obrigatório convergir

“Se não são duas profissões, como podem os delatores desta ideia aceitarem esta dupla representatividade? Haja coerência na acção, modéstia na opinião e honestidade intelectual!”, clama Augusto Ferreira Guedes, explicando que, actualmente “mais de 2 mil diplomados com o primeiro ciclo de um curso de engenharia, resultante da alteração imposta pelo processo de Bolonha, exercem legal e cabalmente a sua profissão porque a ANET decidiu assumir a sua representação, inscrevendo-os no seu seio e atribuindo-lhes o título profissional de engenheiro técnico”. Por sua vez, a postura da “outra associação pública da área de engenharia” (Ordem dos Engenheiros), tem sido, segundo o responsável da ANET, “de tacitamente aceitar a existência das duas associações” e a cooperação

entre ambas “é clara”. Para Augusto Ferreira Guedes, é “provável” que a actual situação “de necessidade” em que os elementos da Ordem dos Engenheiros se encontram “não lhes tenha deixado clarividência suficiente para se aperceberem da importância que a engenharia portuguesa tem para a estratégia do desenvolvimento nacional” e o mesmo espera que, após “esta fase mais conturbada, onde muitas vezes as afirmações são fruto do momento e não da razão, cada uma das associações entenda que o contexto actual exige novas posturas e uma visão mais ampla, livre de preconceitos passadistas e, em conjunto, encontrem vectores convergentes de actuação que potenciem e defendam a engenharia portuguesa, pois no futuro só isto interessa”. “Pelo lado da ANET, tudo farei com este propósito”, conclui.

Resposta à OE

Esta reacção surge após a posição da Ordem dos Engenheiros que criticou a aprovação, na Assembleia da República, da criação da Ordem dos Engenheiros Técnicos. Essa posição por parte da ordem liderada por Carlos Matias Ramos foi tornada pública através de um comunicado emitido a 24 de Janeiro, no qual o Conselho Directivo Nacional da OE manifestou “a sua total discordância com a criação de outra ordem profissional na actividade de engenharia, contrariando o disposto na Lei 6/2008, de 13 de Fevereiro”. Segundo os responsáveis da Ordem dos Engenheiros, esta lei estabelece que “a cada profissão regulada, apenas pode corresponder uma única associação pública profissional”. Assim, consideram que a decisão do Parlamento foi “incompreensivelmente fundamentada no pressuposto de que “a profissão de engenheiro técnico é autónoma” e reiteram que a OE “nunca pactuará com soluções desajustadas, mormente as que pretendem induzir na sociedade a falsa necessidade da existência de uma nova ordem no mesmo espaço de actividade da engenharia”. ■

LASER
 build

Equipamentos e Acessórios



para Casas de Banho

Secadores Mãos | Dispensadores de Toalhas
 Papeleiras | Dispensadores de Sabão
 Porta Rolos | Ajudas Técnicas (P.M.C.)
 Plat. Muda Fraldas | Secadores de Cabelo
 Fontes de Água | Equip. Sanitário







www.laserbuild.pt

Tel: 229 480 271